

O que ocorreu à Perestroika?

Anatoli P. Butenko

A palavra perestroika, que até há pouco tempo ocupava páginas e mais páginas de jornais de ampla circulação e revistas das mais variadas tendências, é encontrada agora cada vez mais raramente na imprensa periódica; e quando surge é somente para referir-se a um período que está longe de reunir os melhores e mais afortunados anos da vida do nosso país. Mas, se diante disso, perguntarmos não apenas às pessoas simples, mas também ao intelectual leitor dos jornais: "Que aconteceu à perestroika? Deu certo ou não? Concluiu-se com êxito, terminou em malogro ou ainda prossegue?" - dificilmente obteremos uma resposta clara.

Para compreendermos isso, tentemos responder a três perguntas: em primeiro lugar, o que é a perestroika? Em segundo, qual era a concepção da perestroika e quais foram as suas falhas? E, em terceiro, como foi executada a perestroika e em que terminou?

O que é a perestroika?

Todas as vezes em que se tenta descobrir a essência, a caracterização ou até mesmo a definição de

Anatoli Pavlovitch Butenko - Filósofo do Instituto de Pesquisas Econômicas e Políticas Internacionais da Academia Russa de Ciências.
Texto traduzido por Noé Silva e revisto por Lenina Pomeranz.

um processo histórico-social complexo e conscientemente posto em execução (e a perestroika pertence precisamente à classe de tais processos), é freqüente encontrar dois enfoques sobre a questão: um tenta estabelecer o sentido dado ao processo pelos seus iniciadores e organizadores; o outro resume-se em definir o que se conseguiu na prática. Como é mais comum desígnio e resultado não coincidirem (é o que ocorre também aqui), a segunda postura poderia parecer mais correta. Entretanto, não é assim. Seguindo por esse caminho, a análise perde a possibilidade de estabelecer a essência e os limites temporais do processo estudado, pois a versão que assume o projeto em sua execução caracteriza mais o resultado que o próprio processo. Além disso, o projeto pode continuar a modificar-se, ainda que, no fundo, a sua alteração já não tenha nenhuma relação com o processo pensado e posto em execução.

Mas isso não é tudo: a situação complica-se pela ação de diferentes interesses. Dessa forma, para dar o primeiro passo na direção certa, é preciso lembrar o aforismo: se os axiomas geométricos afetassem os interesses das pessoas, estes seriam permanentemente refutados. A tabuada não é refutada por ninguém, pois dois vezes dois são quatro não apenas para o rico, mas também para o pobre, para todos. É diferente com a sociologia e as suas conclusões; e ainda mais quando se trata de um fenômeno como a perestroika e, com mais razão, em nossa politizadíssima sociedade.

Podem julgar a perestroika com imparcialidade os que foram privados do poder e os que foram levados ao topo da pirâmide social? Aqueles que, aproveitando-se da situação, "tornaram-se gente", enriqueceram, e aqueles que ficaram sem quaisquer esperanças? Portanto, antes de mais nada, dividamos todo o leque de enfoques da perestroika, de acordo com as principais forças político-sociais.

Já se disse mais de uma vez que, no transcurso da perestroika e, com mais nitidez ainda, no seu fim, em 1991, as duas principais forças concorrentes em luta pelo seu próprio poder sobre o povo eram, de um lado, a burocracia estatal do Partido com as suas posições minadas e, de outro, uma burguesia nascente e ávida de poder. Mas, no caso, não se deve desprezar uma terceira força: o povo, os trabalhadores, para quem a perestroika representou esperança, crença e futuro, pois foi justamente isso que suscitou o entusiasmo das massas que apoiaram o processo, enquanto este prometia e não enganava.

Para melhor compreender a essência da perestroika, é importante examiná-la sob dois aspectos: primeiro, o que representou, tanto pelas causas do seu

surgimento, como pelas intenções dos detentores do poder; segundo, como a imaginava, na essência, Mikhail Gorbachev, seu principal iniciador e arquiteto.

Considerada sob o primeiro aspecto, a perestroika constituiu um conjunto de transformações ideológicas, políticas e econômicas, que expressaram a reação do poder diante da gravíssima situação interna e externa da sociedade soviética. Esta reação não foi apropriada desde o início, uma vez que a consciência de toda a sociedade e da sua elite dirigente era cativa da mitologia comunista, que falseava grosseiramente os fatos do passado e os acontecimentos do presente. Na realidade, enquanto já no período de Stalin a opção socialista tinha se perdido e a sociedade soviética encontrava-se sem caminhos a percorrer, aproximando-se cada vez mais do colapso sócio-econômico, os líderes soviéticos e toda a elite dirigente, com os antolhos de uma falsa consciência, pensavam e proclamavam a edificação do socialismo no país e a passagem da sociedade para o comunismo.

Mas, sentindo que não daria conta do insucesso (na edificação do socialismo e no triunfo mundial deste), em face da impossibilidade de resolver os problemas internos e internacionais do desenvolvimento nos limites da linha política anterior, e conscientizando-se do perigo de uma explosão social, capaz de tirar do poder aqueles que ali estavam, a burocracia governamental do Partido elegeu conscientemente o caminho das mudanças: alçou de suas fileiras, para o posto de secretário-geral, Mikhail Gorbachev - um líder bastante incomum, capaz de resolver as tarefas incomuns com que se defrontava o país -, confiando-lhe as rédeas do governo. O cálculo foi simples: um dirigente enérgico e inteligente, que encontrasse uma saída para o país da grave crise e, dessa forma, salvando-o, salvaria também a *nomenclatura* e as suas posições. A elite dirigente esperava que, ainda que as mudanças por ela promovidas não resultassem em uma "reforma cosmética" da sociedade-monstro criada pela *nomenclatura*, estas também não conduziriam à destruição das suas bases, o que lhe permitiria, "eliminada a pressão da caldeira" do descontentamento, encontrar novas reservas para resolver os problemas internos e internacionais, pelos quais havia realizado mudanças tão "ousadas" na direção.

Já aqui deve-se refutar a mentira, harmoniosamente difundida por partocratas e democratas burgueses, de que não foram eles, mas sim a perestroika, que arruinou o país e destruiu a sua organização sócio-econômica e sócio-política. A sociedade soviética começou a apodrecer e as suas bases já se encontravam carcomidas muito antes deste processo. A própria perestroika não foi senão a primeira tentativa de

encontrar uma saída da situação sócio-econômica, à qual o anterior domínio da burocracia partidário-governamental levou o país. Não foi nos anos 80, mas sim nos 30, sob Stalin e seu projeto, sob a máscara de edificação do socialismo, que se criou uma sociedade-monstro, estranha ao ser humano. Esta foi levemente abalada pelo "degelo de Khruchov"; mas depois, sob L. Brejnev e K. Tchernenko, durante mais de vinte anos, novamente acumularam-se fenômenos de estagnação, caminhando-se na direção de uma decomposição, cada vez maior, das estruturas econômicas e políticas apresentadas como socialistas.

Passemos agora ao segundo aspecto do problema. Considerada sob este aspecto ou sentido, o de Gorbachev, a perestroika representou algo muito mais radical; o que não se deve, em absoluto, somente ao fato de *vidvijënets* (1) comparar sempre a sua própria visão e a de suas tarefas à daqueles que o apresentaram. Desde o início, estava claro para M. Gorbachev que nada se poderia fazer sem libertar o país do domínio da gerontocracia, sem um decisivo rejuvenescimento dos quadros; o que não era absolutamente indiferente para a burocracia partidário-governamental, mas pelo que ela deveria necessariamente passar. Entretanto, a questão principal não estava neste ponto. Já os primeiros passos das transformações demonstraram que, sem o derrocamento das posições da *nomenclatura* e o fim do seu domínio, não se tiraria o país da sua difícil situação.

Ao receber sólido crédito político da burocracia partidário-governamental e da sua elite dirigente - sendo escolhido como secretário-geral do CC do PCUS para a realização das mudanças -, M. Gorbachev viu-se diante de uma tarefa fundamental: nas condições sócio-econômicas internas e externas de então e consideradas a complexa correlação das forças político-sociais na sociedade soviética e sua consciência mitificada, formular uma concepção das mudanças e dar-lhes início.

Quando se deparou com a realidade, na forma que lhe permitiram fazê-lo as noções dominantes na elite dirigente e o seu próprio capital de mundividências, M. Gorbachev chegou à conclusão de que o socialismo, na União Soviética e em outros países, encontrava-se em situação muito difícil e que a aceleração do desenvolvimento sócio-econômico da URSS não seria conseguida sem que fosse promovida a renovação do sistema e uma renovadora perestroika do socialismo.

Em outras palavras, na medida que se adiantava o curso da história e aumentava a nitidez com que se revelavam as maze-las da ordem vigente que se dizia socialista, mais clara soava a voz da M. Gorbachev: é necessária uma perestroika de tudo e, antes de mais nada, do próprio socialismo; a perestroika do socialismo é a renovação deste, um segundo alento para ele, "a elaboração de uma nova visão do socialismo correspondente às condições sociais, e a concretização dessa nova visão do socialismo em realidade".

A impressão era muito radical! Ledo engano, porém. Em nenhum momento se disse que o país perdeu a direção socialista e que, ainda sob Stalin, a sociedade saiu do caminho socialista e se encontrou em um des-caminho histórico. Se alguém julga que em princípio o socialismo conservou-se, então é necessário demonstrar, com argumentos, o que há de socialista no país, o que se perdeu e o que se deve empreender para fazer renascer o socialismo na sua forma humana, com o rosto humano.

Tudo isso tinha um significado fundamental para a concepção da perestroika: saber o que era necessário ou desnecessário reconstruir, o que se devia conservar e consolidar e, principalmente, o quê transformar em quê. Aqui estão as origens das dificuldades de concepção da perestroika, as raízes de suas insuficiências.

A concepção da perestroika e as suas insuficiências

Não obstante a abundância de críticas a M. Gorbachev e à perestroika, hoje quase não há referências científicas dignas de fé ou uma análise profunda da concepção da perestroika, embora pareça ter acabado de se encerrar o seu tempo e seja este o momento apropriado para julgar tanto o processo como sua concepção (2).

Pelo visto, papel importante tem aqui as ambições e as condições que transformaram a nossa vida atual em um tempo interessante, embora não compensador, pois todos os líderes políticos, que hoje nos circundam e que surgiram na arena política graças à perestroika, não só são incapazes de uma palavra de simpatia pela perestroika e por M. Gorbachev, que os geraram, como também acham que fazê-lo é de mau tom. Muito mais decoroso, segundo a cultura deles, é "jogar lama" em ambos. O paradoxo continua a ser paradoxo, mas todos esses líderes parecem envergonhar-se da perestroika. Não gostam de lembranças à sua juventude política ligada à perestroika e à sua mudança de posição, fazem de conta que não se lembram dela, que outras pessoas, e não eles, foram "mestres-de-obra da

(1) *Vidvijënets*: trabalhador de vanguarda, apresentado para cargo de responsabilidade (NT).

(2) Na realidade, não se pode afirmar que não existe nada nesse sentido. Acaba de sair o artigo de V. Sogrin, *Perestroika: itogui i uroki* (Perestroika: balanço e lições). *Obchestvennie Nauki i Sovremennost*. 1992, nº 1.

perestroika" e, via de regra, formaram as primeiras fileiras dos partidários da perestroika. Amealharam ali o seu primeiro capital, amadureceram e fortaleceram-se na luta decidida pela consecução dos ideais do socialismo e da sua renovação radical.

Entretanto, as pessoas não são *mankúrti* (3). Elas lembram-se muito bem dos pomposos congressos comunistas e dos plenários semilegais do CC do PCUS, nos quais se aglomerava, nas primeiras fileiras, praticamente a mesma elite política de hoje que, galgando nova escala de funções, foi perdendo cada vez mais a sua plumagem vermelha e, ao chegar ao topo do poder nas suas repúblicas descomunizadas, pelo visto começou a enfadar-se da sua ortodoxia comunista de antes e, por isso, embarcou em corrida para depenar-se dos restos da plumagem antiga, sem temer os remoques contra esse "strip-tease" repugnante. Os secretários dos comitês regionais do Partido e os chefes das seções de propaganda tornaram-se presidentes anticomunistas apartidários, e os antigos renovadores radicais do socialismo transformaram-se nos mais furiosos partidários do capitalismo. A cada qual o seu!

Foi inteiramente natural que a reação negativa à perestroika, revelada a partir de certo momento tanto pela burocracia partidário-governamental como pela burguesia nascente (a perestroika tomou o poder e as propriedades da primeira e podia privar a segunda de futuro), com algumas variações em seus argumentos, tenha se estendido também à concepção da perestroika: ora se falava que M. Gorbachev não a possuía, ora se afirmava que ele dizia uma coisa e pensava outra. Em outros momentos, afirmava-se que o próprio M. Gorbachev não compreendia o sentido real da perestroika e, por isso, esta podia bem passar sem ele. Não é preciso ser gênio para ver, por trás disso, o desejo de dar uma interpretação própria à perestroika, correspondente às suas próprias aspirações.

Naturalmente, a crítica das forças político-sociais (partocratas e democratas) à concepção da perestroika não se manteve a mesma nas suas diversas etapas.

A burocracia partidário-governamental, que no início apoiou M. Gorbachev e considerava a perestroika a expressão da sua reação à situação, via nela apenas uma "reforma cosmética", aceitável, do edifício erigido pela *nomenclatura*. Porém, à medida que começaram a derrocar-se as suas posições político-sociais, a *nomenclatura* passou a proclamar que M. Gorbachev minava as bases do socialismo, com as quais esta iden-

tificava as bases do seu próprio poder. Por isso, com o decorrer do tempo, passou a afirmar, cada vez mais, que M. Gorbachev "traí o socialismo", implementa um plano diferente daquele em nome do qual foi eleito para o seu posto e executa seu "projeto de perestroika" particular, não conhecido por quase ninguém além das pessoas mais próximas a ele. Discursando na histórica última reunião plenária do CC do PCUS, em julho de 1991, o então primeiro secretário do comitê moscovita do Partido, I. Prokofiev, disse: "O projeto da perestroika, que começou a partir de meados de 1987, é uma 'revolução de cima', levada a cabo por um pequeno círculo do alto escalão da *nomenclatura* partidária, parcialmente integrado neste projeto, e por uma elite científica liberal, conhecedora da essência da idéia. Uma série dessas pessoas já saiu do Partido, deixando para os que permaneceram a responsabilidade pelas decisões políticas. Agora, essa essência está evidente para todos" (4). Na opinião do discursante, trata-se do "arquivamento do socialismo".

Os democratas, que desde o início das mudanças apoiaram o sentido antiburocrático da "perestroika de Gorbachev", à diferença deste, partiram para o aprofundamento e ampliação da crítica ao sistema burocrático estatal, destruindo e exigindo a destruição de tudo o que trouxesse a marca do burocratismo (e, mais tarde, do totalitarismo comunista, do comunismo e do socialismo), a marca de organização consciente, de estatismo ("gossudarstvenost") e de gestão. E, como na estrutura social criada conscientemente não existe nada que não seja resultado de uma administração consciente e, portanto, de uma criação consciente comunista, burocrático-governamental, então tudo devia ser destruído como herança do totalitarismo. Quando M. Gorbachev, jogando a sua última cartada, tentou contrapor, a esse anarquismo barato dos democratas burgueses, ideais socialistas no campo da burguesia, começou a se dizer que o iniciador da perestroika "esgotou-se", tornou-se conservador. Assim, A. Tsipko escreveu que se M. Gorbachev "não concordar em renunciar aos seus princípios", ou seja, desistir da "opção socialista" inventada por ele, a sua própria obra - a perestroika - será arruinada. Empenhando-se por completa mudança do sentido da perestroika, os democratas burgueses puseram-se a proclamar: já que M. Gorbachev não quer renunciar à "opção socialista", então fica a pergunta: "a perestroika precisa de Gorbachev?"

No que diz respeito às principais massas trabalhadoras, os malogros da perestroika e o divórcio entre as palavras e os atos decepcionaram-nas. Mês após mês, ano após ano, o curso dos acontecimentos alienaram os trabalhadores da perestroika e de M. Gorbachev:

(3) Mankúrti (escravo): personagem de um romance de Tchinguiz Aitmátov, a qual perde a memória após tortura e mata a própria mãe (NT).

(4) Jornal Pravda, 1991, 26 de julho.

nunca se perde tão rapidamente um crédito de confiança como quando se prometem "anos dourados", e as pessoas descobrem que a montanha pariu um ratinho. Não há dúvida de que não era o que buscava o iniciador da perestroika. Mas, por que isso ocorreu? Quais as origens de tal curso das coisas? Por que a autoridade de M. Gorbachev, altíssima no início da perestroika, não cresceu, mas sim caiu?

Qual era, na realidade, a posição de M. Gorbachev? Era sincero o seu desejo de, por meio da perestroika, lutar pelo socialismo, ou, como muitos julgam (e não apenas I. Prokofiev), os objetivos socialistas da perestroika foram apenas um biombo, habilmente arranjado para ocultar a intenção de "arquivar o socialismo"? Era realista, então, a própria palavra de ordem de "revelar o potencial do socialismo" no nosso país? Se não o era, por quê? Se o era, por que não foi concretizada? Cabe a culpa a M. Gorbachev, que não quis ou não soube (duas coisas fundamentalmente diferentes) alcançar tal resultado? Se M. Gorbachev acreditava sinceramente no socialismo, não era então essa própria crença um erro? Ou o erro consistiu em que não havia possibilidade real de concretizar essa crença precisamente no país de então? O que impediu isso? Se havia, entretanto, uma possibilidade real e não se obteve êxito, então, em que errou M. Gorbachev - na teoria ou na política, na estratégia ou na tática; ou foi ele conduzido por seus partidários?

Começemos pelas opiniões de M. Gorbachev. Eu não tenho nenhuma base para duvidar de que M. Gorbachev, durante toda a sua intensa atividade política no posto de secretário-geral, tenha sido partidário sincero do socialismo e, conseqüentemente, de que ao proclamar, oportuna e inoportunamente, sua fidelidade à opção socialista, tenha mentido ou usado de astúcia. Mas, sendo-o, não se mostrou à altura das tarefas com que se defrontou para a concretização das suas convicções. Na minha opinião, nisso consistiu a sua tragédia pessoal.

Penso que M. Gorbachev, desde o princípio, deuse perfeita conta de que o socialismo, em cuja direção se partiu em outubro de 1917, estava quase morto no nosso país e não apenas nele. Com plena consciência dessa amarga verdade, ele absolutamente não concordou com a irreversibilidade do desfecho letal e tomou o caminho da sua reanimação.

Penso que é hora de perguntar: era exeqüível, em 1985, nas condições vigentes da sociedade soviética e da sua economia e no quadro da correlação de forças político-sociais da época, reanimar o socialismo quase morto, "revelar o potencial do socialismo", assegurar a realização do socialismo em nosso país? A minha

resposta é a seguinte: era extremamente difícil, mas possível! Em suma, o processo de mudanças, de renovação e de reestruturação, concebido e iniciado por M. Gorbachev em abril de 1985, visando o interesse dos trabalhadores e em nome do socialismo, tinha possibilidade real, embora não grande, de êxito. Porém, para tornar realidade tal possibilidade, a meu ver, havia duas condições necessárias: primeiro, uma compreensão conceitual e estrategicamente correta da nossa situação e dos caminhos para se alcançar o objetivo desejado; segundo, uma manobra tática hábil, uma política certa e capaz de reunir as forças necessárias à empresa e de assegurar o êxito dessas.

Entretanto, "faltou munição" ao arquiteto da perestroika para isso tudo. Inclino-me a pensar que os erros principais de M. Gorbachev são devidos não à tática e à habilidade de manobra política - embora aqui também, ele, mestre na aceitação de compromissos, haja cometido não poucos erros -, mas sim à estratégia, à visão conceitual geral e às condições reais do caminho a seguir.

Em que, então, M. Gorbachev não se mostrou à altura precisamente como socialista, como partidário da opção socialista? (destaco este aspecto, pois não se trata aqui do papel histórico de M. Gorbachev como reformador da sociedade soviética, o que deve ser examinado sob seus próprios critérios, mas da sua atuação na qualidade de secretário-geral do CC do PCUS, de dirigente e chefe do Partido detentor do poder e condutor da luta pelos interesses dos trabalhadores e pelo socialismo).

Sendo conciso ao extremo, direi que M. Gorbachev, a meu ver, cometeu três erros principais, fundamentais e estratégicos. Em primeiro lugar, ao chegar à direção do PCUS e acreditando, corretamente, que o socialismo "estava praticamente morto", ele não avaliou verdadeiramente as causas disso e toda a profundidade da transformação e degeneração da sociedade soviética e do PCUS nas décadas subseqüentes a outubro de 1917. Por isso, ao propor a "tarefa mais leve" de reanimação e renovação, ele, em determinada etapa, naturalmente perdeu a iniciativa e viu-se a reboque das medidas tomadas, já não por ele, para o renascimento do país. Em segundo lugar, mantendo-se adepto do socialismo, ele, em essência, pronunciou-se pelo socialismo marxista-leninista ortodoxo e livre de deturpações, não compreendendo que a própria concepção de tal socialismo continha não apenas conclusões irrefutáveis, como também elementos utópicos e incorreções. Mais que isso, a vida mudou qualitativamente e, portanto, mesmo o socialismo marxista-leninista purificado e corrigido já não correspondia às novas condições, o que

exigia, outra vez e em maior profundidade, "rever todo o modo de encarar o socialismo". A consciência disso (embora não plena) veio-lhe apenas no histórico e último plenário do CC do PCUS, de julho de 1991, quando o tempo já fora desperdiçado e apanhar o trem, que se afastava, já era impossível. Terceiro, ambos os erros precedentes - a avaliação errada da situação e o objetivo incorreto - constituíram fonte permanente de erros na escolha dos caminhos, meios e métodos de sair da situação criada, bem como de erros de cálculo nos planos traçados e nos prazos da sua realização, o que não podia deixar, vez após outra, de solapar a auto-ridade tanto da perestroika como do seu líder. Em conseqüência, foi impossível alcançar os objetivos iniciais da perestroika. Como isso tudo se refletiu nela?

Para responder a essa pergunta e detectar as conseqüências práticas dos erros de cálculo teóricos, julgo necessário - com base nos erros e malogros da concepção gorbacheviana da perestroika já evidenciados pela prática (é precisamente nesse conhecimento da experiência histórica realizada e dos seus resultados, e não nas capacidades intelectuais dos críticos hodiernos da perestroika, que está a sua preponderância real) - dar uma concepção própria do que ocorreu nos anos da perestroika. Esta concepção não apenas explica porque ocorreu o que ocorreu e não pôde deixar de ocorrer, isto é, porque a perestroika não pôde atingir seus objetivos, mas também indica de que modo as coisas deviam ser entendidas e o que era necessário fazer para que a perestroika tivesse (se isso fosse possível) outro desfecho, ou seja, positivo.

Qual a melhor maneira de desincumbir-se de tarefa tão complexa?

Para demonstrar, de modo convincente, que o que se fazia estava fadado ao malogro e traçar uma alternativa possível de desenvolvimento, capaz de levar a resultados positivos, devem ser consideradas as três questões estratégicas em relação às quais, como julgo, M. Gorbachev e todos os partidários da perestroika cometeram erros fundamentais.

Avaliação da situação da sociedade soviética, das causas e das conseqüências do que ocorreu em nossa história até a perestroika

A essência da questão, aqui, é a seguinte: até a chegada de M. Gorbachev ao poder, a avaliação da situação da sociedade soviética foi muito mitifica-

da. Apesar de assestar um golpe nessa mitologia, M. Gorbachev não libertou a sociedade de muitos mitos, permanecendo, ele próprio, cativo de noções irreais sobre as condições básicas de vida da nossa sociedade. Antes de M. Gorbachev, acreditava-se que o nosso país, construindo o socialismo em meados dos anos 30 e seguindo rumo ao comunismo, tinha entrado em um período difícil do seu desenvolvimento: reduziram-se os ritmos de crescimento da produção, caiu o nível de vida (apesar dos petrodólares), agravou-se a situação sócio-política e, com o programa da iniciativa de Defesa Estratégica dos EUA, tornou-se cada vez mais clara a inevitabilidade de derrota também na corrida armamentista. Com uma irreversibilidade jamais vista antes, aproximava-se algo catastrófico: derrota, decomposição, explosão.

Quando se disse que M. Gorbachev, ao assumir a direção do PCUS e do país em abril de 1985, percebeu que o socialismo "estava praticamente morto" na URSS, isso não significou que ele avaliou corretamente a essência do nosso estado social, as causas e conseqüências dos fatos anteriormente ocorridos e dos acontecimentos em curso. Acontece que nós nunca tivemos um socialismo criado no interesse dos trabalhadores e apoiado em uma economia que prosperasse sobre base saudável; tivemos, sim, um regime criado por uma burocracia partidário-governamental no seu próprio interesse, um pseudo-socialismo de caserna, uma sociedade-monstro, na qual, sob a aparência de transformações radicais, foram destruídos os instrumentos universais de desenvolvimento, uma sociedade que se extraviou do caminho comum de desenvolvimento da civilização humana, e que se encontra em um beco sem saída, cada vez mais degradada e podre (5). Inteiramente podres e, portanto, incapazes de regeneração, estavam muitas estruturas, inclusive o partido do Governo - o PCUS.

Em relação à economia, que era um obstáculo àqueles que detinham o poder, M. Gorbachev e todos os "perestroiquistas", e agora os democratas, não entenderam e continuam a não entender que o país não atravessa uma crise econômica, mas sim que se encontra em um beco sem saída na área sócio-econômica. Testemunhos de tal incompreensão são a concepção da aceleração do desenvolvimento sócio-econômico dos anos 1985-86, que malogrou fragorosamente, a tese sobre o "mecanismo de entravamento", surgida mais tarde para explicar a estagnação, e a dedução de "crise econômica", até hoje. Porém, o mais importante é que, por maior que fosse a variação ao serem aprofundadas as avaliações dos acontecimentos, é patente a completa ineficácia das medidas adotadas.

(5) Mais pormenores em: Anatoli Butenko. Istoricheskii Tupik i puti vykhoda iz nevo (O Beco sem Saída Histórico e as Maneiras de Sair Dele). REVISTA URAL, 1989, nº 9.

Se considerarmos os anos de 1985 ou 1991, comunistas ou democratas, verificaremos a mesma coisa: "o que quer que eles façam, as coisas não andam". Isso é compreensível: não se trata tuberculose com remédio para pneumonia. A crise econômica representa um *desarranjo funcional* do organismo sócio-econômico em evolução, enquanto o beco histórico-social sem saída é consequência da *deformidade orgânica do sistema, resultado da destruição do mecanismo do progresso*. Neste último caso, a saída só é possível por meio do restabelecimento e da restauração dos mecanismos de progresso, nos quais até agora ninguém pensa ou está se ocupando a sério, porque conta livrar-se da derrocada em curso não pelo entendimento, mas às apalpadelas!

A concepção do socialismo como um objetivo, ao qual cabe conduzir o desenvolvimento da sociedade

Considerando a perestroika um processo de renovação e de efetiva realização do socialismo, M. Gorbachev, naturalmente como salientou repetidas vezes, norteou-se por uma determinada "visão nova do socialismo". Porém, se analisarmos bem o assunto, verificaremos facilmente que o essencialmente novo foi, de forma clara, insuficiente. E isso é o principal! Evidente, não era o marxismo-leninismo na sua versão stalinista, mas, ainda assim, era aquele mesmo socialismo marxista-leninista em que o grau de liquidação da propriedade privada e o nível de socialização dos meios de produção, como antes, representavam o principal critério de grau de socialismo (*sotsialistíchnost'*) desta ou daquela sociedade.

Isso é fundamentalmente errado. Pensar assim significa repetir os equívocos do passado, manter-se no caminho de reconhecer como socialista uma sociedade, na qual tanto o poder como a propriedade foram alienados dos trabalhadores e do povo (no nosso país foi precisamente assim!). Se entendermos o socialismo dessa maneira, se considerarmos como socialismo (com quaisquer adjetivos, mas socialismo) a caserna vedada da *nomenclatura*, então nos parecerão pessoas estranhíssimas alguns partidários indiscutíveis do socialismo, como K. Schimdt, Willy Brandt, François Mitterrand e outros!

Mas, voltemos a M. Gorbachev, à sua "nova visão do socialismo" e aos seus velhos critérios de *sotsialistíchnost'*. Toda a novidade aqui consistiu, talvez, na

decidida eliminação das simplificações e deturpações introduzidas por Stalin na concepção dos clássicos, no apelo à ampla utilização de medidas de valor e relações monetário-mercantis, nos passos dados em direção à economia de mercado, nas tentativas de superação prática da alienação do indivíduo do poder político e da propriedade.

A vida mostrou bem quão perigoso é repetir velhos erros, e que o grau de liquidação da propriedade privada e o índice de socialização dos meios de produção não são os principais critérios de *sotsialistíchnost'* de qualquer sociedade. Na União Soviética, e em uma série de outros países, conseguiu-se uma estatização de quase cem por cento dos meios de produção na cidade, e a total coletivização e emprego (*sovkhoizatsia*) (6) da população rural. Entretanto, os trabalhadores não se tornaram mais felizes com isso, e não surgiu a abundância socialista. Quanto mais marchou o curso da História, mais claro se tornou que o critério real de *sotsialistíchnost'* de qualquer sociedade é o grau de satisfação dos interesses básicos das pessoas do trabalho, o índice do seu bem-estar e desenvolvimento espiritual e o grau de proximidade a um sistema, no qual o desenvolvimento de cada um é a condição necessária ao livre desenvolvimento de todos. Aumentou a consciência de que o alcance da situação desejada não se baseia, em absoluto, no único problema da propriedade; mais que isso, que ele é impossível sem a reanimação e a reabilitação da propriedade privada como instituição social. Aqui, porém, M. Gorbachev praticamente não assumiu quaisquer novas posições.

A concepção da perestroika como um conjunto de meios para "revelar o potencial do socialismo"

Agora, quando dispomos de duas avaliações (uma errada e outra, como nos quer parecer, mais próxima à verdade) não apenas do estado de nossa sociedade, como também do objetivo a que se deveria haver conduzido a perestroika, não nos é difícil entender por que Gorbachev tinha exatamente essa, e não outra, concepção da perestroika e por que essa concepção resultou inevitavelmente em malogro; e ainda, qual poderia (e até deveria) ser a concepção da perestroika se os seus partidários desejassem o seu êxito.

Examinemos as origens e as consequências do que ocorreu. Durante a perestroika, M. Gorbachev guiou-se pela idéia de que, no nosso país, assentado sobre as bases do socialismo, o próprio socialismo como sistema de relações sociais (econômicas, políticas, ideológicas, morais, etc.) estava gravemente enfermo,

(6) De *sovkhos* - fazenda estatal na qual a população rural é empregada, diferentemente de *kolkhoz*, fazenda coletiva em que ela trabalha sob forma de cooperativa (NT).

"à beira da morte", mas não estava desenganado. Por que ele pensava assim? Podemos supor que a causa resida no seguinte: de acordo com o consenso geral, a essência do socialismo não está em como vivem os trabalhadores, mas sim no fato de que, no país, há uma propriedade "socialista" como base material da vida dos trabalhadores e de todos os membros da sociedade e existe, também, um partido governante que ainda não se transformou completamente apenas porque, precisamente, o PCUS, por sua voz e seus esforços (de M. Gorbachev), pretende "sanear o socialismo", dar-lhe um segundo alento", alargar as suas posições, confrangidas pelo stalinismo, e democratizar (daí a afirmação: "Mais socialismo, mais democracia!") para, sem permitir a derrocada, tirar a sociedade da crise econômica. Aqui, nessa avaliação do estado da sociedade soviética, encerram-se os principais erros de partida.

Entende-se que as avaliações oficiais de M. Gorbachev não se mantiveram imutáveis, evoluindo em direção a uma avaliação mais profunda dos fatos ocorridos, mas nunca chegaram até à amarga verdade. Com isso, a evolução das posições oficiais de M. Gorbachev - o que é importantíssimo - não representou uma manobra tática, uma vez que, desde o início, ele conhecia "a verdade inteira", mas, devido à correlação de forças no PCUS e no país, norteou-se sozinho por essa "verdade inteira" e não a ostentou provisoriamente, por razões de ordem tática. Não, ele simplesmente não conhecia a "verdade inteira", sua posição não era a desta verdade, embora caminhasse para o seu lado. Na sua visão pessoal, ele, como se diz, "até chegou, mas ficou aquém". O máximo que o secretário-geral do PCUS se revelou capaz foi reconhecer nossa sociedade como uma sociedade "de socialismo deformado", o que representou um erro de cálculo fatal, um erro-chave.

Em relação às causas de uma avaliação tão errada e tão inadequada, segundo a qual, apesar de todas as desgraças e deturpações, "a semente foi conservada" e o socialismo existe, ainda que desumano e sem feição humana, aqui M. Gorbachev mostrou-se enfeitado pela ortodoxia marxista, a qual achava (e continua a achar) que o critério de *sotsialistitchnost'* de uma sociedade é a eliminação da propriedade privada, a sua substituição pela propriedade social (7). Porquanto na sociedade soviética realmente predominavam a propri-

idade estatal (declarada pública) e a *kolkhoziano* - cooperativa, ambas consideradas formas socialistas de propriedade. Conseqüentemente, toda a sociedade, pelas suas bases econômicas; era considerada socialista. Ademais, essa afirmação errada de modo algum impediu que M. Gorbachev e todos os seus correligionários de pensamento radical condenassem, justamente, a incúria administrativa e a alienação (como afastamento) dos trabalhadores dos meios de produção, bem como reconhecessem a necessidade de transformações profundas nessa esfera, a fim de consolidar o verdadeiro socialismo na sua "nova visão".

O caráter funesto desse erro básico de M. Gorbachev está no seguinte. Em primeiro lugar, fechou-se os olhos para o fato de que as chamadas formas socialistas de propriedade, e, antes de mais nada, a estatal, eram usadas já há muito tempo pela burocracia partidário-governamental no seu próprio interesse e constituíam o fundamento, a base da exploração dos trabalhadores. Além do mais, devido à incúria administrativa, por causa da qual desperdiçaram-se muito mais fundos do que os necessários à manutenção da *nomenclatura* e dos seus parasitas, tal exploração foi mais cruel do que nos países contemporâneos de capitalismo civilizado (nos quais a burguesia foi "civilizada" durante décadas, e até séculos, pela luta política e econômica da classe trabalhadora, pelo controle do Estado, das leis e de sua intervenção reguladora).

Em segundo lugar, reconhecendo como "socialista" a base da sociedade-monstro exploradora, que realizou o ideal não da classe trabalhadora, mas da burocracia partidário-governamental e de um sistema cada vez mais odiado justamente pelos trabalhadores, M. Gorbachev, consciente disto ou não, ligou a sua "opção socialista" não aos trabalhadores, mas sim à propriedade "socialista" e à burocracia partidário-governamental que a administrava, colocando-se, ainda que sem desejar, contra os trabalhadores.

Terceiro, essa avaliação equivocada não permitiu compreender as verdadeiras causas da crescente decomposição econômica, acarretando erros fundamentais tanto na estratégia das mudanças previstas (nos prazos e nos meios de sair da situação, na maneira de encarar a desestatização e a privatização, na adoção ou não da propriedade privada, na privatização da terra, etc.), como na política corrente.

Finalmente, em quarto lugar, se M. Gorbachev viu, na propriedade "socialista" vigente, uma semente conservada, isso significa que os trabalhadores e a *nomenclatura* a ela ligados encontravam-se "atrás da mesma barricada" - "estamos todos no mesmo bar-

(7) Para a fundamentação de tal ortodoxia, quase sempre se cita o seguinte trecho do "Manifesto do Partido Comunista", trabalho conjunto de Marx e Engels: "Os comunistas podem expressar a sua teoria com uma tese: a eliminação da propriedade privada". Eu já disse que Marx e Engels não afirmaram tal coisa: eles falaram não de eliminação, mas de anulação (Aufheben), o que, como se diz em Odessa, são duas "grandes diferenças".

co" - o que apontou para a eliminação do antagonismo existente entre dirigentes e dirigidos.

Todas essas e outras conseqüências do erro básico de partida cometido por M. Gorbachev, até se não levados em conta os seus outros erros, explicam tanto o curso como o desfecho da perestroika. Do mesmo modo, muitas posições mais particulares do próprio M. Gorbachev nas várias fases da perestroika explicam o modo pelo qual o arquiteto da perestroika imaginou o seu curso real. Não é preciso ser muito sagaz para chegar à conclusão de que uma concepção da perestroika que avalia a situação dessa maneira, que propõe tais objetivos e que está ligada a tais meios estava fadada ao malogro e não podia realizar o seu desígnio. E foi isso o que aconteceu.

Porém, como se deveria agir para que o desfecho fosse outro? Parece-me, neste caso, que deviam ser outras as avaliações, as metas e os meios. Digamos, se a gravíssima situação do país tivesse sido avaliada corretamente, ou precisamente, no sentido de que ele se encontrava em uma situação sócio-econômica sem saída e não em uma crise econômica, isso implicaria uma estratégia completamente diferente para a perestroika: não se deveria fazer qualquer promessa de rápida transição para o "futuro luminoso" (por M. Gorbachev, ontem; por B. Yeltsin, hoje). Mais que isso, era preciso buscar imediatamente possibilidades de uma "longa sobrevivência" do país, nas condições das difíceis transformações e da quebra profunda das suas bases anteriores. Uma série de problemas já se apresentava em toda a sua extensão: a relação entre as mudanças econômicas e as políticas; a dependência do desenvolvimento da *glasnost* em relação à situação da economia; a ordenação das soluções dos problemas interétnicos, etc. É difícil contestar, principalmente tendo em vista a experiência da China e do Vietnã, que se deve começar pela economia e, nela, pela agricultura, pois, apenas com a introdução decidida do arrendamento da terra e da propriedade privada sobre ela, preocupando-se, em primeiro lugar, com tudo o que é necessário para a ascensão da agricultura, para a garantia de um mínimo de condições de vida, é possível criar premissas para passos e transformações não apressadas e bem calculadas em outras esferas - na das trocas e na da indústria e, conseqüentemente, em toda a economia, passando depois, de forma ponderada, à política e à *glasnost*. Em todo caso, sem criar condições materiais para a sobrevivência do país nas condições da pe-

restroikã, não se devia ter iniciado transformações políticas e forçado mudanças nas relações entre as nacionalidades, e muito menos haver introduzido a *glasnost* em uma situação de desordem e de fome, seguindo o princípio provocante de que "não há nada que comer, mas se pode dizer tudo"; isto criou a ameaça potencial e ainda presente de uma explosão insensata e cruel.

Como foi executada a perestroika e em que terminou?

A perestroika, ideada por M. Gorbachev como renovação do socialismo e a sua efetiva realização, inclusive pela forma do seu desenvolvimento, foi considerada um processo organizado pelo Partido e comandado de cima, de transformações perfeitamente ordenadas e realizadas por etapas. Pelo visto, o arquiteto da perestroika tinha a esperança de, passo a passo, atrair cada vez mais novas camadas da população para as mudanças: primeiro, todos os membros do Politburo e a direção; em seguida, todo o Comitê Central; depois, todos os comunistas e, sob o comando deles, todos os cidadãos soviéticos. A limitação dos objetivos predeterminou a modéstia e a moderação dos meios. Percebendo essa idéia do autor e os traços iniciais das mudanças encetadas, A. Bóvin escreveu, com toda a razão, que a perestroika representou uma típica revolução "de cima", com todas as limitações inerentes a ela, e foi "planejada" como uma operação limitada temporalmente e regulada, executada sob rígido controle do Partido e durante a qual reestruturamos e melhoramos uma casa velha, mas não edificamos uma nova, de construção fundamentalmente diferente" (8).

Entretanto, como era de se esperar, isso não ocorreu. Tudo é muito bonito no papel, mas quando à nossa volta só há barrancos e temos de andar por eles... Tanto pela forma, como pelo conteúdo, a perestroika não confirmou as esperanças do seu arquiteto. No entanto, os seus resultados já possuem um caráter mundial, global. A perestroika, iniciada em abril de 1985 na União Soviética, tornou-se o epicentro de todos os cataclismos do "mundo socialista", onde, no fim dos anos 80, ela tomou a forma de revoluções "de veludo" e não de veludo na Europa Oriental, e retornou ao seu ponto de partida em 1991, para nele manifestar o seu verdadeiro potencial durante os acontecimentos de agosto de 1991. Ideada como renovação do socialismo, a perestroika, nessa sua qualidade, terminou em agosto de 1991, pois as transformações, ainda em curso no

(8) Não há indicação bibliográfica.

país nessa data, já haviam perdido o seu caráter inicial de reconstrução. Sim, a idéia socialista da perestroika não foi realizada, malogrou, porque foram cometidos muitos enganos e erros de cálculo e porque a situação era extremamente complexa e contraditória. Em tais circunstâncias, uma questão estratégica, resolvida erradamente, como avalanche acarretou outros erros de cálculo e malogros.

Porém, qualquer que seja a nossa avaliação da perestroika, não podemos de modo algum reduzir os seus resultados somente a um completo malogro, como muitos afirmam: basta olharmos à nossa volta para nos convenceremos disso. A sociedade-monstro, construída na União Soviética pela burocracia partidário-governamental, que jurava fidelidade ao povo, a sociedade impregnada pelo totalitarismo stalinista e reproduzida dessa forma em uma série de outros países, teve que despertar para uma vida nova e realizar um golpe democrático antitotalitário. M. Gorbachev, que tocou a rebate o sino da perestroika, se não alcançou o planejado, ainda assim logrou despertar a sociedade e conduzi-la, juntamente com o mundo todo, pelo caminho das reformas e da renovação. No entanto, ninguém é profeta na sua terra (9). Por isso, por mais triste que isto seja, não se pode deixar de ver quantos ignorantes e estúpidos - que viveram a existência toda como lacaios a tremerem qual peixes em águas remansas, agora despertados e tirados do nada pelo iniciador da perestroika - estão prontos a atirar-lhe pedras, e entre eles, inclusive lacaios civilizados. Como aqui não lembrar do escritor Fazil Iskander, que escreveu sobre M. Gorbachev: "À sua energia e à sua coragem, devemos nossa atual liberdade, ainda que amarga. E sempre me foi desagradável ver alguns democratas, que dele ganharam o direito de falar, comportarem-se grosseiramente em relação a ele, sabendo que nada sofreriam pelos seus atos..." (10).

Hoje, é evidente para todos que a perestroika, iniciada por obra de M. Gorbachev, não "se evaporou", não caiu no nada, mas tornou-se o prólogo importante e a fase inicial de uma revolução democrática, pós-comunista e antitotalitária. Por ora, é difícil dizer qual será o desfecho dessa revolução, iniciada pela perestroika. ■

SEADE PÕE CDR NA RUA EM HORÁRIO COMERCIAL

A Fundação SEADE tomou duas importantes providências para melhor servir seus usuários.

Mudou sua Central de Dados e Referências - CDR para novas instalações no andar térreo e ampliou seu horário de funcionamento.

Com acesso direto pela Cásper Líbero e atendimento sem interrupções, das 9 às 18 horas, demandas e consultas a um dos mais completos e atualizados conjuntos de produtos, serviços, dados e informações sócio-econômicas e demográficas sobre São Paulo tornaram-se mais fáceis.

A CDR agora está mais perto do Usuário SEADE.

E mais tempo junto com ele.

CENTRAL DE DADOS E REFERÊNCIAS
Av. Cásper Líbero, 464
Fone: (011) 227-9788 - Fax: (011) 227-5259

FUNDAÇÃO SEADE
nosso usuário, nossa meta.



(9) Expressão russa equivalente à nossa: "Santo de casa não faz milagres" (NT).